

## **A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA NO DISCURSO POLÍTICO: LULA X FHC**

Hyléa Vale Ramalho\*

### **RESUMO**

Este artigo analisa a construção metafórica dos discursos de Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva à luz da teoria funcionalista. Por ambos possuírem experiências de vida bem diferenciadas, considera-se que isso possa se refletir na construção de seus discursos; ratificando, assim, a hipótese de o emprego de metáforas estar associado ao conhecimento de mundo do indivíduo.

**Palavras-chave:** Funcionalismo, Metaforização, Discurso.

### **ABSTRACT**

This article analyses the metaphorical discourses of Fernando Henrique Cardoso and Luís Inácio Lula da Silva based on a functionalist theory. Because both of them have very different life experiences, it is assumed that this fact may be reflected in the ways they construct their discourses. As being so, it is confirmed the hypothesis that metaphor use is associated with the individual's world knowledge.

**Keywords:** Functionalism, Metaphorization, Discourse.

---

\* Universidade Federal Fluminense - UFF

## Introdução

A língua, entre outras funções, constitui-se como instrumento sócio-cognitivo-funcional que atende às necessidades do cotidiano, inter cruzando vários eixos significativos para a produção de efeito de sentido. É nessa interrelação que o falante constrói metaforicamente seu discurso.

Os cognitivistas postulam que o pensamento provém da constituição corporal humana – da estrutura e do movimento do corpo e das experiências física e social vivenciadas por meio dele. É da natureza da construção cognitiva da linguagem humana o estabelecimento de metáforas na ancoragem do discurso:

O pensamento é imaginativo, o que significa dizer que, para compreender conceitos que não são diretamente associados à experiência física, emprega metáforas e metonímias que levam a mente humana para além do que se pode ver ou sentir. (Martelotta, 2003, p. 23)

Este artigo vem confrontar o uso da linguagem metafórica do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) e de Luís Inácio Lula da Silva (Lula), presidente na ocasião desta pesquisa. Acredita-se que, por terem experiências de mundo tão diferenciadas, essa discrepância se reflita na elaboração do discurso de cada um.

Com esse confronto, procura-se ratificar a hipótese de que o sujeito, ao empregar metáforas em seu discurso, aciona aspectos experienciais de sua trajetória de vida, resultando em recursos metafóricos distintos, pois também distintas são suas experiências de mundo. Segundo Lakoff e Johnson (2002), seria, então, a aplicação de metáforas um reflexo da capacidade de o homem pensar alegoricamente, nossa maneira mais comum de pensar, propiciando o preenchimento de espaços mentais de acordo com as experiências sociocognitivas dos interlocutores e conduzindo-os a significações diversas.

A construção do significado depende, entre outros fatores, da possibilidade de o falante operar estratégias cognitivas para estabelecer e/ou promover relações associativas e inferenciais, com base em suas experiências vivenciais sociocognitivamente compartilhadas, segundo Marcuschi (2000):

Na geração de inferências, exigem-se conhecimentos específicos de ordem diferenciada: conhecimentos lingüísticos geram inferências semânticas; conhecimentos normativos e sociais geram inferências pragmáticas; conhecimentos de regras relacionais geram inferências lógicas e assim por diante. (p. 12)

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso é o protótipo de um chefe de Estado – culto, bem relacionado e letrado – objetivando atingir as camadas sociais mais elevadas; o Presidente Lula libera-se das amarras lingüísticas e de posturas emblemáticas esperadas pelo cargo que ocupa, encarnando, de certa forma, um discurso voltado para a massa, mais afeito a seus discursos sindicalistas. Considera-se, por conseguinte, que o uso de expressões metafóricas recorrentes no discurso de ambos é, também, um recurso estilístico – *voltado para a expressão da linguagem do ponto de vista afetivo* (Dubois, 1973, p.237) – além de argumentativo, cujo objetivo é defender idéias e convencer a população.

Para melhor analisar as estratégias argumentativas de FHC e Lula, vale apresentar um pouco da trajetória de vida pública de cada um, bem como dos respectivos partidos políticos que ajudaram fundar.

O Partido dos Trabalhadores (PT) é um dos maiores partidos políticos do Brasil e o maior entre os declaradamente de esquerda. Foi fundado em 1980 por um grupo heterogêneo, formado por sindicalistas, intelectuais de esquerda e católicos ligados à Teologia da Libertação.

O PSDB, Partido da Social Democracia Brasileira, foi fundado em 1988 por um grupo de socialdemocratas dissidentes do PMDB, dentre eles, o então senador Fernando Henrique Cardoso. Diferentes pensamentos políticos contemporâneos, como o trabalhista, que defende a prioridade do trabalho sobre o capital, a vertente democrática do socialismo e a luta dos trabalhadores por direitos iguais do movimento comunista, formam a base inicial do partido.

Os dois maiores representantes do PT e do PSDB são, indiscutivelmente, Lula e FHC. A história de ambos se confunde com a de seus partidos e, tanto um como outro, chegaram à Presidência da República sendo seus porta-vozes.

Atualmente presidente de honra do PSDB, partido que ajudou a fundar, FHC formou-se em Sociologia pela USP tendo atuado no início de sua vida política apenas nos bastidores, como quando ajudou a reelaborar o programa político do MDB. No início do regime militar, exilou-se no Chile e na França. Com o fim do bipartidarismo, em 1980, filiou-se ao PMDB, elegendo-se senador em 1983. Em 1987, afasta-se do PMDB por discordar de sua imobilidade e ajuda a fundar o PSDB. Em 93, assume o ministério da Fazenda e implanta o Plano Real, plano de estabilização econômica cujo sucesso foi fundamental para sua eleição à Presidência da República em 94 e sua reeleição em 1998.

Luis Inácio Lula da Silva, presidente da república, de origem pernambucana, veio com a família para São Paulo em busca de melhores condições de vida. No ano de 1968, já trabalhando como metalúrgico, em São Bernardo do Campo, filia-se ao Sindicato dos Metalúrgicos. Com a criação do PT, Lula encerra sua carreira como sindicalista e inicia a vida política se elegendo deputado federal em 1986. Em 1989, na primeira eleição direta para presidente desde 1964, Lula se candidata, mas perde para Fernando Collor de Mello. Em 1994 e em 1998, volta a candidatar-se à presidência, mas, dessa vez, perde nas duas eleições para Fernando Henrique Cardoso, tornando-se o maior opositor à política de FHC. Em 2002, já com um discurso mais moderado, porém, mesmo assim, pregando uma mudança em relação ao sistema vigente, Lula chega à Presidência da República, sendo reeleito em 2006.

É evidente que o discurso de FHC e Lula vem marcado por essas diferenças de ordem cultural e social que os distancia. Trajetórias tão diferenciadas tornam-se significativos objetos de análise, que serão investigados à luz do funcionalismo.

## 1. Fundamentação Teórica

A abordagem teórica norteadora deste artigo é o funcionalismo americano de Givón (1979), que considera a estrutura da língua como uma variável dependente, resultante de regularidades das situações de fala. Dessa forma, concebe-se que a estrutura lingüística só pode ser explicada, considerando-se a comunicação, o objetivo da interação, os participantes e o contexto discursivo. Segundo essa linha de estudo:

Cada porção do comportamento lingüístico tem um propósito comunicativo específico que o ativa; (...) a forma é determinada por sua adequação para expressar esse propósito no interior da organização pragmática geral da comunicação. (Naro e Votre, 1986, p.454)

A teoria funcionalista se interessa em descrever os fenômenos lingüísticos em seu uso corrente e tem, por princípios básicos, a concepção de linguagem como instrumento de comunicação e de interação social. Os funcionalistas postulam que o uso real da língua, associado à repetição e à frequência dos fatos lingüísticos, considerando o contexto no qual se inserem, é que molda a gramática, ou seja, está a serviço das variações e mudanças da língua impostas pelos falantes. As construções gramaticais são analisadas com base em um todo comunicativo: atos de fala, participantes e contexto discursivo. Não se pode compreender um fato lingüístico sem se considerar o sistema ao qual pertence.

Os lingüistas funcionalistas procuram, em suas pesquisas, determinar a causa das variações intralingüísticas e também apresentar a funcionalidade das estruturas sintáticas na língua. Isso vem ao encontro da lingüística cognitiva, que assumiu pressupostos contrários ao formalismo, inclinándose para o funcionalismo, ao admitir que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, e isso implica a noção de que a conceptualização é decorrente de padrões culturais:

A linguagem é parte integrante da cognição, fundamenta-se em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceitualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural (Silva, 2004, p.2).

### 1.1. O Processo de *Metaforização*

Metaforização é o resultado de um processo que tem como principal meta a solução de um problema, isto é, precisam-se encontrar meios para falar de coisas menos concretas, menos imediatas, menos visíveis e menos tocáveis (Heine et al, 1991). Para atender a essas necessidades de categorização, o sujeito emprega construções metafóricas em seu discurso.

Todavia, percebe-se a metáfora como algo inserido no cotidiano, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Em vista disso, pode-se inferir que o sistema conceptual que possuímos é metafórico por natureza.

Alguns enfoques funcionalistas mais recentes como Lakoff & Johnson (1999, 2002) e Heine et al. (1991) apelam para ingredientes psicológicos a fim de explicar a produção lingüística, postulando que o falante a reveste de um caráter subjetivo e metafórico que a torna única.

A construção metafórica é uma operação cognitiva, constituída no pensamento e realizada por meio da linguagem, que, muitas vezes surge para dar conta de um “vazio semântico” na interação comunicativa, conforme enunciado por Marcuschi (2000):

Expressões metafóricas sugerem aspectos que as palavras em seu significado literal não podem apresentar - A metáfora não é constituída no respeito à realidade, como acontece, por exemplo, com as operações da linguagem denotativa. Não é, portanto, uma operação lógica, mas recorre essencialmente a uma espécie de intuição pré-lógica. (...) É a metáfora que funda a comparação e não o contrário. (p.5)

Muitas das expressões metafóricas empregadas no discurso cotidiano não são mais vistas como recurso metafórico, isto é, gramaticalizaram-se a partir do uso recorrente proferido pelos falantes. O emprego de metáforas atende a questões de uso, algo assim como um ato de fala, uma questão de pragmática da fala.

Em se tratando de discurso político, a função persuasiva é a de maior proeminência. De acordo com a audiência, os políticos fazem uma adequação entre mensagem e público-alvo, e para lançar mão de construções metafóricas, resgatam as informações prévias contidas em seus registros de vida.

## 2. Metodologia

A escolha do *corpus* recaiu sobre os discursos de FHC e Lula por considerá-los em posição extrema: sociólogo e intelectual; torneiro mecânico e de poucas letras. Esse distanciamento sociocultural incita a uma investigação mais abrangente e vem ratificar a hipótese deste trabalho de a utilização de construções metafóricas estar relacionada a questões sociais, culturais e cognitivas de cada indivíduo.

Recorreu-se à mídia digital, mais precisamente aos *sites* da Secretaria de Imprensa e Porta-Voz da Presidência da República<sup>1</sup>, da RADIOBRAS<sup>2</sup> e do Instituto Fernando Henrique Cardoso<sup>3</sup> na coletânea do *corpus* analisado.

Três discursos de FHC e três de Lula foram selecionados, contudo, nessa seleção, adotou-se, também, dois tipos de eventos: os dois primeiros inseridos em inaugurações e o último, o do dia da posse do primeiro mandato de cada um. Acredita-se que, assim, pode-se conferir com maior fidedignidade o comportamento discursivo de ambos por estarem na mesma situação comunicativa.

Para melhor elucidar a análise do *corpus*, serão disponibilizados os fragmentos utilizados, com destaque para os trechos que contêm a construção metafórica. Percebe-se a necessidade de observar todo o contexto que circunda a metáfora, pois isso norteia a análise e propicia uma conclusão mais eficaz.

## 3. Análise do Corpus

As metáforas encontradas nos discursos de FHC e Lula constituem-se em construções peculiares, ou seja, possuem especificidades em conformidade com o contexto em que se inserem. FHC, ao empregar expressões metafóricas, procura contextualizá-las em relação ao evento comunicativo em que se encontra. Lula, por sua vez, utiliza-as sem se ater a uma compatibilidade entre as metáforas empregadas e aos eventos enunciativos em questão, como as famosas comparações com o futebol em seus discursos de improviso. Isto não o minimiza, apenas é uma estratégia argumentativa diferente, uma tentativa de se aproximar da população. São as chamadas metáforas emergentes apresentadas por Heine et al (1991).

---

1. <http://www.info.planalto.gov.br/>

2. [http://www.radiobras.gov.br/integras/01/listint\\_0501.htm](http://www.radiobras.gov.br/integras/01/listint_0501.htm)

3. <http://www.ifhc.org.br>

Para elucidar o jogo metafórico empreendido por ambos, proceder-se-á uma análise comparativa, isto é, análise dos ambientes enunciativos semelhantes, a saber:

### 3.1. Metáforas nos Discursos de FHC

O primeiro discurso a ser analisado será o que foi realizado em 19 de outubro de 2001, durante a inauguração do Aeroporto Internacional Salgado Filho (Porto Alegre/RS). O ex-presidente, assim como todo político, precisa valer-se dos momentos em que está em público e demonstrar como vem governando o país, taxas e índices, como se fosse uma prestação de contas à sociedade. Com criatividade, construiu metáforas condizentes com a cena enunciativa, atribuindo semelhança entre o desenvolvimento do Brasil e a movimentação de um aeroporto, como podem elucidar os fragmentos a seguir:

- (1) No passado, se discutia muito, nos anos 60 – quando eu podia me dedicar com mais afinco às questões teóricas – a questão do chamado **“take off”**, da decolagem da economia brasileira. **Hoje, já entramos em vôo.** E é apropriado dizer isso no aeroporto. Há gargalos, há dificuldades – tantas, meu Deus! **Mas o Brasil decolou. Decolou e tem uma turbina forte, de boa qualidade, que é a força da nossa economia, das nossas empresas, do nosso trabalhador e das nossas universidades.** É isso que faz o mundo avançar. É um Governo que tem rumo, empresas, trabalhadores, Universidades, democracia. É o que faz uma nação se constituir.

#### Comentários

O próprio Fernando Henrique reconhece a premência da utilização dos recursos metafóricos da relação **Brasil/aeroporto** – “e é apropriado dizer isso no aeroporto”. Recorre aos conhecimentos prévios da língua inglesa e apropria-se de um *phrasal verb* – “take off”<sup>4</sup> – para referir-se ao avanço da economia brasileira. Em seguida, emprega o verbo decolar em sentido metafórico, mantendo a extensão de sentido entre **Brasil/aeroporto**, o que demonstra que o recurso metafórico é acionado no processo de interação, atendendo às necessidades comunicativas do falante. Contudo, muitas vezes, o emprego de determinadas construções proferidas por FHC tornava o entendimento do seu discurso muito restrito, haja vista a maior parte da população não ter acesso a, nesse caso específico, conhecimentos de língua inglesa.

Os fragmentos a seguir ratificam a metaforização como um processo pragmático:

- (2) **Temos um rumo traçado. Conhecemos os instrumentos de navegação.** Temos uma democracia sólida, que já demonstrou **que é capaz de atravessar turbulências;**
- (3) **Sabendo que as turbulências do mundo estão aí,** mas nós temos um povo formidável, uma nação coesa e seremos capazes de enfrentar as dificuldades sem perder o rumo;
- (4) Temos que, agora, diante dos desafios que estão postos, trabalhar por essa ordem mais fraterna, que é a única capaz de permitir que o Brasil dê saltos ainda maiores daqueles que, **com as nossas turbinas próprias,** estamos dando. Quem sabe, **com um combustível,** uma vontade universal de maior prosperidade e maior paz, nós podemos, mais depressa, terminar aquilo que nós queremos terminar, que é com a injustiça e com a exclusão social.

---

4. “Take off” significa decolar.

## Comentários

O ex-presidente constrói metáforas criativas, isto é, são inéditas e fundadas nas necessidades emergenciais do falante; porém, apesar disso, são de fácil inferenciação por parte dos receptores por estes as relacionarem ao contexto. Não só a fim de aproveitar o contexto, mas também para demonstrar a evolução econômica e social do Brasil, FHC associa a estrutura da aviação, que denota grandiosidade, à prosperidade brasileira.

O segundo discurso aconteceu durante a cerimônia de inauguração dos sistemas de transmissão de energia elétrica do Nordeste (Recife, PE, 23/6/2000). Neste, FHC emprega a metáfora da construção, o que vem demonstrar uma peculiaridade nos discursos de Fernando Henrique Cardoso, a elaboração de metáforas a partir do contexto em que estão inseridas:

- (5) **Estamos construindo um novo Brasil. Construir o novo é sempre difícil. Nem sempre se compreende, é duro, porque é preciso colocar os alicerces e, muitas vezes, não se viu ainda a casa pronta e se desconfia de que a casa não vai ficar boa ou que talvez nunca termine. Mas estamos construindo um novo Brasil.** E em matéria de energia isso é visível.

## Comentários

A metáfora da construção é regularmente usada para edificar a solidez de um evento. Na cerimônia de inauguração, havia a presença de muitos profissionais, dentre eles, os engenheiros que participaram das obras do sistema de transmissão de energia elétrica do Nordeste. Certo de que seria bem compreendido por aquele público em especial, abordou a elaboração de um novo Brasil alicerçado na metáfora da construção.

No discurso de posse do primeiro mandato, dentre os analisados, percebeu-se a maior rede metafórica empreendida por FHC em seus discursos. Para esclarecer sua plataforma de governo, empregou expressões de uso recorrente no cotidiano, isto é, de amplo domínio lingüístico por parte da população brasileira, uma vez que tinha consciência que o discurso de posse estaria sendo ouvido por milhões de brasileiros, e todos interessados em saber as mudanças que viriam com o novo governo. Destacaram-se os seguintes trechos:

- (6) **viramos a página** do autoritarismo que, com nomes e formas diferentes, desvirtuou nossa República desde a sua fundação.
- (7) Quando muitos duvidaram se seríamos capazes de **colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos.**
- (8) Vamos fazer desse sentimento a mola de grande mutirão nacional, unindo o governo e comunidade **para varrer do mapa do Brasil** a fome e a miséria.
- (9) Vai ser preciso **mexer em muitos vespeiros** para completar a faxina e fazer as reformas estruturais necessárias para dar eficiência ao serviço público.
- (10) Numa fase de transformações radicais, marcada pela redefinição das regras de convivência política e econômica entre os países, não podemos, por mero saudosismo, **dar as costas** aos rumos da História. Temos, sim, que estar atentos a eles para influenciar o desenho da nova ordem.

Seguindo as bases metafóricas do discurso de FHC, e levando-se em conta a sua formação acadêmica, registraram-se passagens em que explicita sua bagagem cultural, o que vem ratificar estar a construção metafórica relacionada ao conhecimento de mundo do enunciador:

- (11) **Vem de longe a chama deste sonho.** Vem dos heróis da Independência. Vem dos abolicionistas. Vem dos “tenentes” revolucionários da Velha República.
- (12) Ao lado da informação e do divertimento, vamos engajar nossas TV numa verdadeira **cruzada nacional**<sup>5</sup> pelo resgate da cidadania através do ensino, começando por uma intensa ação de alfabetização e formação cultural.

Observou-se, ainda, o emprego de construções em sentido figurado a partir de associações não comuns no discurso cotidiano, denominadas como metáforas criativas, isto é, fundamentadas na necessidade emergencial do falante em apresentar novos significados na transmissão da mensagem:

- (13) Para os estudantes que jogavam, como eu, todo o seu entusiasmo nessas lutas, **petróleo e industrialização eram o bilhete de passagem** para o mundo moderno do pós-guerra. Asseguravam um lugar para o Brasil **no carro do progresso tecnológico, que acelerava e ameaçava nos deixar na poeira.**
- (14) Aqui dentro, nossa **economia é como uma planta sadia depois da longa estiagem. As raízes - as pessoas e empresas que produzem riqueza resistiram aos rigores da estagnação e da inflação.** Sobreviveram. Saíram fortes da provação.
- (15) **A identidade cultural toma-se o cimento das nações.**
- (16) As CPI do Congresso e as providências enérgicas tomadas pelo governo Itamar Franco **começaram a limpeza desses parasitas nos últimos dois anos.**
- (17) Vamos fazer da solidariedade **o fermento da nossa cidadania** em busca da igualdade.

### Comentário

No item (13), confirma-se uma das características de FHC na construção de sua rede metafórica, a total relação entre metáfora e contexto. Ao abordar a situação econômica do Brasil no pós-guerra, citando “petróleo” e “industrialização”, utiliza um léxico restrito a esses campos econômicos: “bilhete de passagem”, “carro”, “acelerava”; e a expressão “deixar na poeira”.

Em (14), apropria-se da metáfora da planta para fortalecer a solidez da economia brasileira, mesmo após a inflação, mostrando como foi importante a sua participação na estabilidade da moeda brasileira.

Finalizando, os três últimos itens parecem deter uma força argumentativa maior devido à carga semântica destas três palavras: “cimento”, “parasita” e “fermento”. Fernando Henrique, ao empregá-las, procura atrair a atenção para a defesa da identidade cultural; mostrar que o Governo Federal está e vai continuar se mobilizando em prol da moralidade no Congresso Nacional; e, em acórdância com sua formação em Sociologia, voltar-se para questões que edifiquem a construção de um cidadão.

### **3.2. Metáforas nos Discursos de Lula**

A investigação em ambos os discursos procurou analisar eventos discursivos aproximados. A primeira análise do discurso do presidente Lula também foi na inauguração de um aeroporto, o da cidade de Cabo Frio, RJ, em 28 de setembro de 2007, em que empregou metáforas convencionais:

---

5. Movimento religioso da Idade Média.

- (18) [...] para que o Rio de Janeiro recuperasse o prestígio e deixasse de sair nas páginas dos jornais apenas pela violência, pelo crime organizado e pelo narcotráfico, **que era importante mudar a cara do Rio de Janeiro;**
- (19) Vejam vocês: há pouco tempo teve a crise da Rússia e quando teve a crise da Rússia, o **Brasil quebrou;**
- (20) Quando o trabalhador é sério, ele se senta com a mulher antes do Natal, ou a mulher que trabalha se senta com o marido e com a família antes do Natal, e não gasta tudo, não. **Tem gente, como os que governaram antes de nós, que gasta tudo antes do Natal;**
- (21) Chega no mês de janeiro, quando a gente recebe o pagamento, **aí o pagamento de janeiro vem salgado de descontos;** então, o que a gente faz? **A gente guarda dinheiro para que a gente não atravesse o mês de janeiro quebrado.**

### Comentário

De modo geral, os políticos, em seus discursos, principalmente os de improviso, ancoram-se na função persuasiva das metáforas, buscando, provavelmente, a simpatia e a credibilidade do povo. Nos itens (18) e (21), há o registro de expressões de uso cotidiano da massa – “mudar a cara” e “salgado de descontos”. São metáforas convencionais que se encontram inseridas no cotidiano das pessoas e, portanto, de fácil compreensão.

Volta-se uma atenção especial ao item (19), “O Brasil quebrou”. O verbo quebrar além de estar sendo empregado em sentido figurado, o que caracteriza a metáfora, representa uma construção inacusativa, ou seja, recupera para a posição de sujeito o que, na verdade, seria o complemento do verbo.

A construção inacusativa muitas vezes é uma estratégia que o enunciador se vale para ocultar a verdadeira face do agente do evento, como no item (19) em que o presidente Lula apenas informa a quebra do Brasil, escamoteando o agente, desnecessário informar quem realizou a ação por estar inferido contextualmente – a crise na Rússia e seus efeitos na economia mundial.

No item (20), faz uma descrição do dia-a-dia de um casal contabilizando suas parcas finanças, dizendo que o casal sabe priorizar as necessidades. Essa estratégia argumentativa procura a aproximação do povo, porque há uma tendência a que se veja refletido naquela imagem, como em um espelho, tornando mais fácil a aceitação do discurso do presidente em dizer que os outros governos foram inseqüentes e colocaram a economia brasileira em risco, porque, relacionando à economia doméstica, o povo consegue entender melhor a imagem criada por Lula.

A segunda análise ocorreu na cerimônia de inauguração da Indústria de Sucos da Cocamar, em Maringá, PR, em 12 de abril de 2003. Esse discurso traz a mais empregada das construções metafóricas de Lula – o futebol. Tudo indica ser uma estratégia argumentativa de aproximação com o universo cultural do povo, por ser de senso comum que é o esporte de maior proeminência no Brasil e que projeta o país para o mundo. Porém, essa estratégia custou ao presidente Lula muitas críticas, que muitos evidenciaram como um discurso repleto de abusos semânticos, haja vista, por exemplo, a reportagem na **Folha de São Paulo** (06.7.2003), em que o professor de Filosofia da USP, Paulo Arantes, considerou a linguagem do presidente Lula execrável, na medida em que, ao seu ver, ele tenta “congelar a opinião pública pela imbecilização”.

Confrontando com o pesquisado no discurso de FHC, em que este proporciona a contextualização metafórica, isto é, constrói metáforas em que surgem elementos lexicais que

remetem ao evento enunciativo em questão, embora também tenha sido criticado pela mídia em relação ao seu discurso “opaco semanticamente”, “repleto de economês” e “rebuscado”, as metáforas de FHC não eram criticadas por serem metáforas, mas por serem difíceis. Ao discursar na inauguração do sistema de transmissão de energia elétrica do nordeste, no mesmo tipo de evento – inauguração – Lula não se atém a aproximar as metáforas empregadas ao tipo de evento em que estava proferindo o discurso:

- (22) Meu caro Roberto Rodrigues e meu caro Furlan, vocês dois sabem das suas tarefas. Vocês dois sabem, porque, quando foram escolhidos ministros, **agi como um técnico que dá orientação para os seus jogadores**. Eu falei para os dois: olhem o papel de vocês, são dois profissionais de mais alta competência, um do lado da agricultura e outro da indústria, são dois especialistas em exportação, os dois conhecem o mundo como ninguém, têm relações internacionais como ninguém. (...)

Emprega a metáfora do futebol sem que isso tenha alguma relação com o evento comunicativo – inauguração de uma indústria de suco. Tenta mostrar que a sua escolha ministerial foi realizada com atenção às características profissionais de cada ministro, tal qual os jogadores de futebol são destinados a determinadas posições no esquema tático devido às habilidades inerentes a cada um, porém nada disso tem relação com a inauguração de uma indústria de suco.

O terceiro discurso a ser investigado foi o do dia de sua posse do 1º mandato em **01 de janeiro de 2003**. Assim como FHC, Lula também recorre a um variado número de metáforas para reforçar sua plataforma de governo e saudar o povo brasileiro. Eis as de maior destaque:

- (23) O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. **Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos**, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento de fato estratégico.
- (24) Teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que **ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores**. Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.
- (25) **Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação**, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado.
- (26) De modo que o Brasil supere a estagnação atual e **volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social**.
- (27) Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa **cruzada** pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social.

### Comentário

Aporta seu discurso em uma figura imagística do desenvolvimento do Brasil, como se fosse o personagem que viera para salvaguardar os interesses do Brasil. Isto se realiza a partir do léxico utilizado, concernente à aventura e ao conflito, como encontrado nos itens (23), (25), (26) e (27), este último também foi empregado por FHC. Em ambas as situações representa a busca indômita pela sobrevivência, condizendo com um discurso de posse, em que o enunciador deve conferir ao

povo a idéia de que não se equivocaram em sua escolha, colocando-se como aquele que salvaguardará a pátria.

Para finalizar, o item (24) mantém a idéia de “caminhada para a prosperidade”, mas Lula emprega a metáfora, emergente, da árvore para minimizar as cobranças que lhes são feitas, dizendo que é preciso esperar um certo tempo para começar a aparecer os resultados do seu trabalho, nada pode ser imediato, assim como não o é na natureza.

## Considerações Finais

A linguagem da política é plurissignificativa, uma interface de todas as esferas sociais, ajustando-se a diferentes fins e propósitos e revestindo-se dos seguintes objetivos: destacar o favorável e amenizar o desfavorável; atribuir valor positivo a seus pares e desvalorizar a oposição; convencer, persuadir e, às vezes, manipular a comunidade. Na análise aqui empreendida foi de muita valia o breve histórico político de FHC e Lula, pois é necessário observar quem fala, o lugar de onde fala, para quem fala, o que se quer atingir e qual o teor ideológico embutido nas palavras.

As metáforas do Lula são reconstruções cognitivas com base em significados familiares ao imaginário popular, facilitando a compreensão por parte do povo. Heine et al (1991) denominou de metáforas **emergentes**, isto é, estão inseridas no discurso sociointerativo o que proporciona a facilidade de entendimento. As utilizadas por FHC, assim como as de Lula, atêm-se ao seu conhecimento de mundo, contudo enuncia algumas metáforas que são categorizadas por Heine et al (1991) como **criativas**, e isso muitas vezes ocasiona um ruído na comunicação, pois esse tipo de metáfora demanda alto teor cognitivo, é preciso que o receptor realize inferências, o que, dependendo da audiência, torna-se inviável.

A metáfora é um mecanismo da linguagem que se reveste de caráter heurístico, processo este tendente a encaminhar o falante a descobrir, por si mesmo a verdade inscrita no e constituída pelo discurso, permitindo, por conseguinte, que se entenda algo em termos de outro. Funciona, também, como um veículo de transmissão de ideologias específicas que o receptor interpreta em contextos socioculturais concretos e determinados.

## Referências

DUBOIS, J. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GIVÓN, T. **Syntax and semantics: discourse and syntax**, Vol 12. New York: Academic Press, 1979.

HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

\_\_\_\_\_. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo: Educ, 2002.

MARCUSCHI, L.A. **A propósito da metáfora**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. Mimeografado.

MARTELOTTA, M.E. A mudança lingüística. In MARTELOTTA, M.R.; OLIVEIRA, M.R. & CUNHA, M.A.F. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, editora 2003.

NARO, A. & VOTRE, S. **Mecanismos funcionais do uso da língua**. Vol.5, n.2 São Paulo: D.E.L.T.A., 1986.

SILVA, A.S. Linguagem, cultura e cognição, ou a lingüística cognitiva. In SILVA, A.S., TORRES, A. & GONÇALVES, M. (orgs.), **Linguagem, cultura e cognição: Estudos de lingüística cognitiva**. Vol. I. Coimbra:Almedina, 2004.

## Anexos

### Íntegras



#### Discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na Inauguração do Aeroporto Internacional Salgado Filho – Porto Alegre/RS

Meu caro Governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra,  
 Senhora Olívio Dutra,  
 Senhores Ministros de Estado,  
 Senhor Presidente do Tribunal de Justiça,  
 Senhoras e senhores Parlamentares,  
 Senhor Prefeito de Porto Alegre,  
 Senhor Presidente da Infraero,  
 Senhores Comandantes da Marinha, da Aeronáutica, do Exército,  
 Senhor Arcebispo de Porto Alegre,  
 Autoridades Estaduais, Municipais,  
 Funcionários da Infraero,  
 Senhoras e senhores,

É significativo que estejamos, hoje, aqui, inaugurando este aeroporto, no dia 19 de outubro, que marca a passagem de um século, desde o vôo histórico de Santos Dumont, em um balão dirigível. Isto foi – e é, sem dúvida – uma data marcante na história da aviação. O grande feito de Santos Dumont, em 19 de outubro, foi conseguir que um balão voasse de forma governável, e foi chamado de dirigível. O que ele fez foi, portanto, acrescentar à idéia de voar, a idéia de rumo. E Santos Dumont, todos sabemos, foi um grande brasileiro, que deu uma contribuição não apenas ao Brasil, mas à Humanidade e ao progresso da tecnologia. (...)

“No passado, se discutia muito, nos anos 60 – quando eu podia me dedicar com mais afinco às questões teóricas – a questão do chamado “take off”, da decolagem da economia brasileira. **Hoje, já entramos em vôo.** E é apropriado dizer isso no aeroporto. Há gargalos, há dificuldades – tantas, meu Deus! **Mas o Brasil decolou. Decolou e tem uma turbina forte, de boa qualidade, que é a força da nossa economia, das nossas empresas, do nosso trabalhador e das nossas universidades.** É isso que faz o mundo avançar. É um Governo que tem rumo, empresas, trabalhadores, Universidades, democracia. É o que faz uma nação se constituir.” (...)

“**Temos um rumo traçado. Conhecemos os instrumentos de navegação.** Temos uma democracia sólida, que já demonstrou **que é capaz de atravessar turbulências.** E democracia é isso. Ela permite que se determine o rumo sem imposição autoritária, sem um “diktat”, mas através do diálogo, da persuasão e pelo respaldo do voto de um povo livre.” (...)

“É, portanto, simbólico que no dia 19 de outubro, dia de Santos Dumont, inauguremos, nesta cidade, este aeroporto, com este espírito de parceria, com esta vontade de continuar num rumo melhor para o Brasil. E, também, **sabendo que as turbulências do mundo estão aí,** mas nós temos um povo formidável, uma nação coesa e seremos capazes de enfrentar as dificuldades sem perder o rumo.” (...)

“Mas a paz depende de mais justiça, mais igualdade, melhor distribuição de poder no mundo. Precisa de uma ordem mais fraterna. Temos que, agora, diante dos desafios que estão postos, trabalhar por essa ordem mais fraterna, que é a única capaz de permitir que o Brasil dê saltos ainda maiores daqueles que, **com as nossas turbinas próprias,** estamos dando. Quem sabe, com **um combustível,** uma vontade universal de maior prosperidade e maior paz, nós podemos, mais depressa, terminar aquilo que nós queremos terminar, que é com a injustiça e com a exclusão social.” (...)

Terei a oportunidade, espero, nos próximos dias, de uma maneira clara, falar com as pessoas que têm e detêm muito maior poder do que eu pelo mundo afora. Mas o farei com esse mesmo propósito, que foi mencionado pelo Governador Olívio Dutra: dizer que temos horror ao terrorismo e queremos a paz. Mas a paz depende de mais justiça, mais igualdade, melhor distribuição de poder no mundo. Precisa de uma ordem mais fraterna. Temos que, agora, diante dos desafios que estão postos, trabalhar por essa ordem mais fraterna, que é a única capaz de permitir que o Brasil dê saltos ainda maiores daqueles que, com as nossas turbinas próprias, estamos dando. Quem sabe, com um combustível, uma vontade universal de maior prosperidade e maior paz, nós podemos, mais depressa, terminar aquilo que nós queremos terminar, que é com a injustiça e com a exclusão social.

Muito obrigado. Hoje, para mim, foi uma manhã de grande alegria por estar aqui.

**Discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de inauguração dos sistemas de transmissão de energia elétrica do Nordeste - Recife/PE**

Senhor vice-presidente da República, meu companheiro Marco Maciel,  
Meu caro amigo Jarbas Vasconcelos, governador de Pernambuco,  
Senhor ministro de Estado de Minas e Energia, Rodolpho Tourinho,  
Senhores ministros de Estado que aqui se encontram,  
Senhor vice-governador de Pernambuco, José Mendonça,  
Senhores governadores,  
Senhores parlamentares,  
Senhor Roberto Magalhães, prefeito de Recife,  
Senhor Firmino Sampaio, que é nosso presidente da Eletrobrás,  
Senhor Mozart de Siqueira Campos, grande presidente da Chesf,  
Senhores funcionários da CHESF,  
Senhoras e senhores,  
Senhores gerais que me acompanham, que nos dão a honra da companhia,  
Altas autoridades aqui presentes,

Eu, ao ver, ao rever palavras que disse, há algum tempo atrás, lá em Xingó, que a gentileza do presidente da Chesf fez de reproduzir aqui, confesso que me emocionei, porque uma das alegrias que tenho, neste governo - nem sempre a gente tem alegrias em governos - é o fato de que estamos cumprindo o que dissemos que faríamos. Das turbinas que hoje geram a energia da Chesf, todas, menos uma, foram feitas durante o meu primeiro mandato e meu segundo mandato. Todas.

(...)

**“As forças locais do governo ou de oposição. E os governadores de oposição que estão aqui sabem que é assim. Porque estamos construindo um novo Brasil. Construir o novo é sempre difícil. Nem sempre se compreende, é duro, porque é preciso colocar os alicerces e, muitas vezes, não se viu ainda a casa pronta e se desconfia de que a casa não vai ficar boa ou que talvez nunca termine. Mas estamos construindo um novo Brasil.** E em matéria de energia isso é visível.”

(...)

Assistimos hoje parte da solução dos problemas, não do Nordeste, do Brasil. Porque ao interligarmos isso tudo e ao interligamos, como já fizemos, o sistema Norte-Sul, nós estamos possibilitando que, quando haja falta de energia num ponto do país, também o Nordeste possa acudir este ponto do país. E quando, ao contrário, houver falta aqui, o resto do Brasil poderá acudir o Nordeste. É esse Brasil solidário que não pode mais deixar que o Nordeste seja pensado como algo diferente do resto do Brasil. Não. Não é diferente. Não são agências específicas para o Nordeste. É por causa do Brasil, pelo interesse do Brasil que precisamos de um Nordeste cada vez mais forte, mais prospero, mais honesto, mais dirigido por gente competente e não demagoga, gente séria, pensando sempre no futuro do Brasil. Eu confio da CHESF, eu confio do Nordeste, eu confio no futuro do Brasil.

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

Governo Fernando Henrique Cardoso

**Brasília - 1995**

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

**Secretaria de Comunicação Social**

**Subsecretaria de Imprensa e Divulgação**

**Discurso de Posse do**

**Presidente da República**

**Fernando Henrique Cardoso**

**no Congresso Nacional**

**Brasília, 1 de janeiro de 1995**

*Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional;*

*Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República;*

*Excelentíssimos Senhores Chefes de Estado e de Governo estrangeiros;*

*Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara dos Deputados;*

*Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal;*

*Excelentíssimos Senhores Chefes das Missões Especiais estrangeiras;*

*Excelentíssimos Senhores integrantes da Mesa;*

*Excelentíssimos Senhores Senadores,*

*Excelentíssimos Senhores Deputados,*

*Altas Autoridades da República,*

*Senhoras e Senhores,*

Venho somar minha esperança à esperança de todos neste dia de conagração.

Permitam que, antes do Presidente, fale aqui o cidadão que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros.

Pertenço a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo.

(...)

“Pacificamente, com tranqüilidade, apesar das mágoas e cicatrizes que ficam como um símbolo para que novas situações de violência não se repitam, **vivamos a página do autoritarismo** que, com nomes e formas diferentes, desvirtuou nossa República desde a sua fundação.”

(...)

“Mais importante: hoje nós sabemos o que o governo tem que fazer para sustentar o crescimento da economia. E vamos fazer. Aliás, já estamos fazendo.

Quando muitos duvidaram se seríamos capazes de **colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos**”

(...)

“Nós, brasileiros, somos um povo solidário.

Vamos fazer desse sentimento a mola de grande mutirão nacional, unindo o governo e comunidade para **varrer do mapa** do Brasil a fome e a miséria.”

(...)

“As CPI’s do Congresso e as providências enérgicas tomadas pelo governo Itamar Franco começaram a **limpeza desses parasitas** nos últimos dois anos.

Vai ser preciso **mexer em muitos vespeiros** para completar a faxina e fazer as reformas estruturais necessárias para dar eficiência ao serviço público.

Isso não me assusta.”

(...)

“Pertenço a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo.

Vem de longe a chama deste sonho. Vem dos heróis da Independência. Vem dos abolicionistas. Vem dos “tenentes” revolucionários da Velha República.”

(...)

“Para exercermos na plenitude nosso mandato de acabar com a miséria, é preciso também acabar com a miséria espiritual. Que os meios modernos de comunicação nos ajudem nessa tarefa.

Ao lado da informação e do divertimento, vamos engajar nossas TV's numa verdadeira **cruzada nacional** pelo resgate da cidadania através do ensino, começando por uma intensa ação de alfabetização e formação cultural.” (...)

“Para os estudantes que jogavam, como eu, todo o seu entusiasmo nessas lutas, petróleo e industrialização **eram o bilhete de passagem para o mundo moderno do pós-guerra. Asseguravam um lugar para o Brasil no carro do progresso tecnológico, que acelerava e ameaçava nos deixar na poeira.**” (...)

“Aqui dentro, nossa **economia é como uma planta sadia depois da longa estiagem.** As raízes - as pessoas e empresas que produzem riqueza resistiram aos rigores da estagnação e da inflação. Sobreviveram. Saíram fortes da provação.” (...)

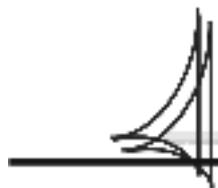
“À sua gente e à sua cultura. Num mundo em que a comunicação é global e instantânea, e ao mesmo tempo os públicos se fragmentam e especializam-se, **a identidade cultural toma-se o cimento das nações.**” (...)

“Aos grupos indígenas, alguns deles testemunhas vivas da arqueologia humana, e todos testemunhas da nossa diversidade. Vamos fazer da solidariedade **o fermento da nossa cidadania** em busca da igualdade.”

A todos os cidadãos e cidadãs deste nosso Brasil, aos quais peço, mais uma vez, muita fé, muita esperança, muita confiança, muito amor, muito trabalho.

Eu os convoco para mudar o Brasil.

Muito obrigado.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa e Divulgação

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Aeroporto Internacional de Cabo Frio**

**Cabo Frio-RJ, 28 de setembro de 2007**

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, Cumprimentar o nosso vice-governador, o nosso companheiro Pezão, Cumprimentar o Jorge Picciani, presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Cumprimentar o senador Paulo Duque, os deputados Edson Santos, Bernardo Ariston, Chico D'Angelo e o dr. Paulo César,  
Cumprimentar o nosso companheiro Marquinhos Mendes, prefeito de Cabo Frio,  
Cumprimentar o Sérgio Gaudenzi, presidente da Infraero,  
Cumprimentar os empresários Murilo Junqueira, presidente da Costa do Sol Operadora Aeroportuária,  
Cumprimentar o Francisco Pinto, presidente do Conselho de Administração da Costa do Sol Operadora Aeroportuária,  
Cumprimentar os secretários de estado, a secretária do governador Sérgio Cabral,  
Os secretários da prefeitura,  
Os vereadores,

E dizer para vocês, meus queridos companheiros de Cabo Frio, quando eu ainda estava disputando a campanha e fiz a primeira reunião com o governador Sérgio Cabral, eu disse uma coisa, no primeiro comício que fizemos juntos, que Sérgio Cabral e eu poderíamos, se quiséssemos, fazer a maior parceria já feita entre um governo de estado e um presidente da República, para que o Rio de Janeiro recuperasse o prestígio e deixasse de sair nas páginas dos jornais apenas pela violência, pelo crime organizado e pelo narcotráfico, que era importante **mudar a cara do Rio de Janeiro.**

(...)

“Vejam vocês: há pouco tempo teve a crise da Rússia e quando teve a crise da Rússia, **o Brasil quebrou.** Depois, nós tivemos a crise da Malásia e o Brasil, outra vez, **quase quebrou.** Agora, nós estamos tendo uma crise nos Estados Unidos, que é a famosa crise imobiliária.”

(...)

“Tem gente, como os que governaram antes de nós, que gasta tudo antes do Natal. Chega no mês de janeiro, quando a gente recebe o pagamento, **aí o pagamento de janeiro vem salgado de descontos.** Além de a gente ter que pagar tudo que é imposto, eles descontam imposto de renda, descontam um monte de coisas, e a gente recebe nada. Então, o que a gente faz? **A gente guarda dinheiro para que a gente não atravesse o mês de janeiro quebrado.** Quem vive de salário sabe disso.”

(...)

E eu só posso terminar, Marquinhos, desejando a você, desejando ao povo de Cabo Frio, toda a sorte do mundo. Olhe, eu recebi hoje os documentos da fábrica Álcalis, apenas hoje eu recebi os documentos que os companheiros do sindicato me entregaram. Eu vou dar uma estudada direitinho. Na segunda-feira, eu vou estar no Rio de Janeiro outra vez com o Sérgio Cabral, nós vamos fazer aqui também algumas coisas importantes no Rio de Janeiro. E eu quero dizer para vocês que eu vou estudar com muito carinho o que a gente pode fazer para recuperar essa empresa do nosso País.

Companheiros, muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.



Presidência da República

Secretaria de Imprensa e Divulgação

**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Indústria de Sucos da Cocamar**

**Maringá – PR, 12 de abril de 2003**

Meu caro governador do estado do Paraná, Roberto Requião, e sua esposa, Maristela Requião,  
Meu caro Luiz Lourenço, presidente da Cocamar,  
Meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,  
Meu companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,  
Meu companheiro Francisco Graziano, ministro de Estado Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à

Fome,

Meu caro Orlando Pessuti, vice-governador do estado do Paraná,  
Senhoras e senhores deputados e deputadas federais,  
Deputados e deputadas estaduais,

Meu querido prefeito José Cláudio, fico feliz em vê-lo recuperado, porque tive a oportunidade de visitá-lo no leito hospitalar. Pela qualidade e quantidade de tempo que você falou, significa que já está recuperado para novas empreitadas, o que é bom sinal.

Demais prefeitos da região,  
Senhor José Ivo Caleffi, vice-prefeito de Maringá,  
Vereadores,

Funcionários cooperados e funcionários da Cocamar e companheiros cooperados do estado do Paraná,  
Meus amigos e minhas amigas,

Quero, primeiro, agradecer à Direção da Cocamar pela gentileza e pelo respeito que tiveram comigo no ano passado. Eu era candidato à Presidência da República e queria conhecer o funcionamento de uma cooperativa. Indicaram-me que eu deveria visitar a Cocamar. A minha assessoria entrou em contato com a Direção da Cocamar que, de imediato, aceitou que eu viesse aqui. Passei um dia na Cocamar. Isso, no mês de julho, se não me falha a memória. Em setembro, outra vez nos encontramos, entramos em contato com a Direção da Cocamar para gravar, aqui dentro, um programa de televisão que iria ao ar como peça de campanha.

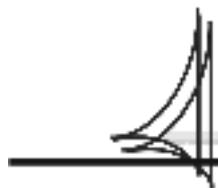
(...)

“Meu caro Roberto Rodrigues e meu caro Furlan, vocês dois sabem das suas tarefas. Vocês dois sabem, porque, quando foram escolhidos ministros, **agi como um técnico que dá a orientação para os seus jogadores**. Eu falei para os dois: olhem o papel de vocês: são dois profissionais da mais alta competência, um do lado da agricultura e outro da indústria, são dois especialistas em exportação, os dois conhecem o mundo como ninguém, têm relações internacionais como ninguém.”

(...)

Mas não é apenas exportar. Eles têm uma outra tarefa heróica para fazer, que é a briga na Organização Mundial do Comércio, para que as barreiras tarifárias dos Estados Unidos e da Europa não impeçam os nossos produtos de chegarem ao exterior como estão chegando hoje. E nós vamos brigar na Organização Mundial do Comércio porque não aceitamos a idéia de que o mercado tem que ser livre, mas, quando chega a hora de o Brasil vender os seus produtos, cada um coloca um obstáculo para dificultar a entrada dos produtos brasileiros. Se o comércio é livre, vai ser livre para todos.

Muito obrigado. E meus parabéns, Luiz Lourenço.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa e Divulgação

**Pronunciamento do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional**  
**Brasília – DF, 01 de janeiro de 2003**

Excelentíssimo senhores chefes de Estado e de Governo; visitantes e chefes das missões especiais estrangeiras; Excelentíssimo senhor presidente do Congresso Nacional, Senador Ramez Tebet;

Excelentíssimo senhor vice-presidente da República, José Alencar; Excelentíssimo senhor presidente da Câmara dos Deputados, deputado Efraim Morais; Excelentíssimo senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Marco Aurélio Mendes de Faria Mello; Sras. e Srs. ministros e ministras de Estado; Sras. e Srs. parlamentares, senhoras e senhores presentes a este ato de posse,

“Mudança”: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos. (...)

“O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. **Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos**, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento, de fato, estratégico.” (...)

“Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que **ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.**” (...)

“**Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação**, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado.” (...)

“Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da Nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual **e volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social.**” (...)

“Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa **cruzada** pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social.” (...)

Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu País. Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste País no dia a dia dos próximos quatro anos. Viva o povo brasileiro!

